



## Uso de psicoestimulantes em estudantes do curso de Odontologia de uma universidade privada do sul de Minas Gerais

Ligiane Vilela Tozzi\*, Maria Paula Vecchi Amorim, Rafaela Silva Martins Velloso, Gêrsika Bitencourt Santos

Curso de Odontologia, Universidade José do Rosário Vellano-UNIFENAS, Alfenas, MG, Brasil

### *Histórico do Artigo:*

Recebido em:

26/07/2020

Aceito em:

04/10/2020

### *Palavras-chave:*

Metilfenidato;  
dimesilato de  
lisdexanfetamina;  
anfetaminas

### *Keywords:*

Methylphenidate;  
lysdexamphetamine  
dimesylate;  
amphetamines

### RESUMO

Universidades da área de saúde, entre elas as odontológicas, têm sido reconhecidas como fontes de estresse durante a formação de seus acadêmicos. O estresse e o desconforto psicológico acentuado, são considerados motivos frequentes de comportamentos prejudiciais à saúde física e psicológica nesses estudantes. Dessa forma muitos estudantes utilizam de maneira indiscriminada, fármacos que estimulam o sistema nervoso central, para suprir o cansaço da faculdade. O presente trabalho teve como objetivo detectar o uso de fármacos psicoestimulantes pelos estudantes do curso de Odontologia de uma universidade privada do sul de Minas Gerais. A pesquisa foi desenvolvida através de um questionário padronizado e de autopreenchimento, específico sobre o uso de psicoestimulantes. Foram aplicados 200 questionários, distribuídos entre os alunos de Odontologia do 1º ao 8º período de uma Universidade Privada do Sul de Minas, sendo respectivamente 25 alunos de cada período. A inserção de psicoestimulantes no meio acadêmico se mostra cada vez maior, uma vez que a vida acadêmica demanda concentração, disposição do indivíduo e bom rendimento escolar. Nesse estudo, 74,5% dos entrevistados afirmaram utilizar ao menos uma substância psicoestimulantes, como, cafeína, bebidas energéticas, cloridrato de metilfenidato, entre outros. Embora a utilização de tais substâncias apresente muitos efeitos colaterais, os resultados apontaram que uma parcela significativa dos estudantes mantém a utilização destas substâncias psicoestimulantes, demonstrando que estão em busca de efeitos imediatos da medicação, descartando as consequências a curto e longo prazo.

### Use of psychostimulants in students of Dentistry from a private university of southern of Minas Gerais

### ABSTRACT

Health related universities, some of them being Dentistry universities, have been renowned as being the source of stress during the formation of their academics. The stress and accentuated psychological discomfort are considered frequent motives linked to compoment that is prejudicial to physical and psychological health in these students. Because of this, various students use, in an indiscriminate way, pharmaceuticals that have stimulate the central nervous system, to surpress how much they're tired because of the university. The present resume has an objective of detecting the use of psychostimulants in the students of dentistry in a private university in south Minas Gerais. The research was done through a patterned, autofill specific form about the use of psychostimulants. 200 forms were applied, distributed throughout first to eighth period students in a private university in the south of Minas Gerais, being 25 students per period. The use of psychostimulants has been growling because going to university requires concentration, disposition and good scholar grades. In this study, 74,5% of students stated using at least on type of psychostimulant, such a caffeine, energy drinks, methylphenidate, among others. Even though the use of these pharmaceuticals presents side effects, this study shows that 74,5% use them, showing that they are looking for immediate results, not showing interest in the long term or short term consequences.

## 1. Introdução

A saúde mental dos estudantes e profissionais de saúde constitui motivo de preocupação desde o início do século, tendo em vista o caráter estressante durante o período acadêmico e a vida profissional. A natureza do exercício acadêmico e

\* Autor correspondente: ligianetozzi@gmail.com (Tozzi L.V.)

profissional pode concorrer para o desenvolvimento de distúrbios emocionais (1).

Universidades da área de saúde, entre elas as odontológicas, têm sido reconhecidas como fontes de estresse durante a formação de seus acadêmicos, o que pode afetar o bem-estar físico e mental destes (2). O estresse e o desconforto psicológico acentuado são considerados motivos frequentes de comportamentos prejudiciais à saúde física e psicológica (tabagismo, má alimentação, abuso de álcool e substâncias psicoativas) nesses estudantes (3).

Estima-se que muitos estudantes utilizam de maneira indiscriminada psicoestimulantes, sendo que esta classe terapêutica deveria ser usada apenas com prescrição e para o tratamento de algumas doenças, tais como o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e a narcolepsia. Porém, como esses fármacos potencializam o desempenho, são utilizados sem prescrição e de forma indiscriminada por estudantes saudáveis que buscam ultrapassar seus limites para superar os desafios existentes na graduação (4).

O uso de tais psicoestimulantes deve ser considerado apenas depois de uma avaliação médica, não sendo indicado na maioria dos casos, pois, o usuário pode apresentar efeitos colaterais e adversos, como os sintomas psicóticos, comportamento agressivo, nervosismo, insônia, redução do apetite, dor abdominal, tendência suicida, convulsões, dependência, tontura, sonolência, visão embaçada e outros efeitos adversos do sistema nervoso central (2). Sendo assim, é necessário conscientizar tais estudantes sobre o uso de psicoestimulantes e o risco do uso irracional destes, a fim de minimizar sua utilização e efeitos adversos. Portanto, o presente trabalho teve como objetivo analisar o uso de fármacos psicoestimulantes pelos estudantes do curso de Odontologia de uma universidade privada do sul de Minas Gerais.

## **2. Materiais e Métodos**

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida em uma instituição de ensino superior privada do Sul de Minas Gerais. A população-alvo foi constituída por acadêmicos do curso de Odontologia de uma universidade particular, situada no sul de Minas Gerais. Foram aplicados 200 questionários, distribuídos entre uma amostra de alunos do 1º ao 8º período, sendo respectivamente 25 alunos de cada período, selecionados aleatoriamente. A população-alvo foi dividida em grupos ou estratos contendo elementos homogêneos e as amostras foram retiradas separadamente de cada um desses grupos (5).

Um questionário semi-estruturado elaborado pelos autores e de autopreenchimento, abordaram específico tema sobre o uso de psicoestimulantes, que foi distribuído entre as turmas de primeiro à oitavo período do curso de odontologia de uma universidade privada do sul de Minas Gerais, de forma que não necessitaram se identificar por nome. O questionário foi montado com questões que abordam o uso de psicoestimulantes. Foram coletadas informações a respeito dos psicoestimulantes, tipos utilizados, tempo de utilização, efeitos colaterais, início, frequência de uso e se houve prescrição médica pelos estudantes abordados.

Os resultados obtidos foram organizados em Tabelas, obtendo as frequências absolutas e o percentual para cada questão contida no questionário. Para a análise dos dados utilizou-se o teste de qui-quadrado, ao nível nominal de 5% de significância para verificar a existência de associação entre as variáveis analisadas. O teste exato de Fisher foi aplicado nos casos em que a frequência absoluta das células da Tabela de contingência foi menor ou igual a 5 (5). A análise estatística foi realizada no software R.

O projeto foi aprovado pelo CEP (Comitê de Ética em Pesquisa) local, sobre o parecer

número 3.736.000. Com objetivo de contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro dos padrões éticos (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resolução 466/12).

### 3. Resultados e discussão

De acordo com a Tabela 1, 74,5% (n=149) já utilizaram os psicoestimulantes e 25,5% (n=51) asseguraram que não. Resultado discrepante em relação ao obtido por Menezes et al. (4) em que 54% (n=96) responderam que sim, sendo que apenas 20% (n=35) afirmaram terem conhecimento do que são psicoestimulantes, ou seja, muitos deles faziam uso dessas substâncias sem terem conhecimento que eram psicoestimulantes; e, 46% (n=82) responderam que não fazem uso.

Quando questionados se possuíam conhecimento do que são psicoestimulantes, foi obtido como visto na Tabela 1, que 89% (n=178) dos entrevistados possuem conhecimento do que são psicoestimulantes e apenas 11% (n=22) não tem esse conhecimento. Não sendo condizente com o estudo realizado por Menezes et al. (4) em que 80% (n=143) dos entrevistados responderam que não e apenas 20% (n=35) responderam sim. Embora possuam conhecimento dos benefícios dessas drogas, é preocupante o desconhecimento acerca dos efeitos que essas drogas podem trazer a curto e longo prazo, provocando mudanças no comportamento de quem consome essas drogas, além do potencial para desenvolver dependência.

**Tabela 1** – Conhecimento e uso dos psicoestimulantes.

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=200</b>	<b>%</b>
<b>Conhecimento sobre psicoestimulantes</b>		
<b>Sim</b>	178	89%
<b>Não</b>	22	11%
<b>Uso de psicoestimulantes</b>		
<b>Sim</b>	149	74,5%
<b>Não</b>	51	25,5%

De acordo com os dados obtidos na Tabela 2, observou-se que 23,5% (n=47) dos entrevistados são do sexo masculino e 76,5% (n=153) do sexo feminino. Podendo considerar mais alto o número de estudantes do sexo feminino em relação ao masculino, confirmando com Menezes et al. (4) em sua pesquisa realizada com 178 acadêmicos da área da saúde de uma instituição de ensino superior do estado de Rondônia, sendo respectivamente, 72% (n=128) do sexo feminino e 28% (n=50) do sexo masculino. Outro estudo semelhante feito por Silveira et al. (6) apontou que dos 116 acadêmicos de Medicina entrevistados, 37,93% (n=44) eram do sexo masculino e 62,07% (n=72) feminino. Dessa forma, tais estudos comprovam que a maior frequência de usuários de psicoestimulantes, são do sexo feminino devido ao número mais expressivo de estudantes de tal gênero na Universidade. Porém, segundo Fernandes, Thais (7), o sexo masculino por si só, é considerado um fator de risco para o consumo de psicoestimulantes.

**Tabela 2** – Dados dos entrevistados

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=200</b>	<b>%</b>
<b>Entrevistados por sexo</b>		
<b>Masculino</b>	47	23,5%
<b>Feminino</b>	153	76,5%
<b>Entrevistados por faixa etária</b>		
<b>17 a 20 anos</b>	82	41%
<b>21 a 25 anos</b>	100	50%
<b>26 a 30 anos</b>	10	5%
<b>31 a 40 anos</b>	8	4%
<b>Residem com a família</b>		
<b>Sim</b>	123	61,5%
<b>Não</b>	77	38,5%
<b>Renda familiar</b>		
<b>Até 1 salário mínimo</b>	5	2,5%
<b>De 1 a 3 salários mínimos</b>	75	37,5%
<b>De 4 a 6 salários mínimos</b>	88	44%
<b>Mais de 6 salários mínimos</b>	32	16%
<b>Trabalho remunerado</b>		
<b>Sim</b>	22	11%
<b>Não</b>	178	89%

Os entrevistados apresentam diferentes idades, sendo observado em maior proporção estudantes com idade entre 21 a 25 anos (50% n=100), havendo pouco predomínio de estudantes de faixa etária acima de 26 anos, o que não condiz com o estudo realizado por Menezes et al. (4) em que obtiveram predomínio de estudantes acima dos 25 anos (33%). Sendo assim, no presente estudo a maior frequência são de estudantes com menos de 25 anos, confirmando com os resultados obtidos por Fernandes et al. (7), que alegou que a faixa etária prevalente de usuários é de 18 a 24 anos.

Ainda de acordo com a Tabela 2, observa-se que 61,5% (n= 123) residem com a família e 38,5% (n=77) moram sozinhos. Dessa forma, é possível afirmar que residir com a família ou não, não interfere na utilização ou não de psicoestimulantes. Porém segundo Fernandes et al. (7), morar distante da família (moradia estudantil) é considerado um fator facilitador do uso.

Os entrevistados foram questionados sobre a renda familiar, o resultado mostra que a maioria possui entre 4 a 6 salários-mínimos equivalente a 44% (n=88) e entre 1 a 3 salários-mínimos equivalente 37,5% (n=75). Já no estudo de Affonso, Raphael (8), a renda de até 3 salários-mínimos apresentou maior frequência (82%). Dessa forma, é possível afirmar que a renda familiar não interfere na utilização ou não de psicoestimulantes. Porém, segundo Fernandes et al. (7), estudantes de classe econômica elevada possuem maior pré-disposição para o uso de substâncias ilícitas.

Na Tabela 2 também é possível observar que 11% (n=22) dos entrevistados realizam trabalho remunerado e 89% (n=178) não. No estudo de Menezes et al. (4) foi obtido predomínio de estudantes que exercem trabalho remunerado com 56% (n=100), sendo que os que não exercem corresponde a 44% (n=78). Estudantes que associam o estudo com trabalho, possuem maior pré-disposição para o uso de substâncias psicoestimulantes, uma vez que a vida acadêmica já é exaustiva, principalmente em cursos de período integral, como Odontologia e Medicina, e, associar com o trabalho é

extremamente cansativo induzindo o uso de tais substâncias (9).

De acordo com a Tabela 3, o estudo mostra que as substâncias psicoestimulantes mais ingeridas foram a cafeína equivalente a 58% (n=116) dos entrevistados e bebidas energéticas 58% (n=116). Em outro estudo semelhante feito por Silveira et al. (6), revelou que 56,66% (n=59) fazem uso de cafeína e 18,86% (n=20) fazem uso de bebidas energéticas, havendo concordância no resultado destes. Segundo, Fernandes et al. (7), tais psicoestimulantes são utilizados para permanecer desperto, compensar a privação de sono, melhorar o raciocínio, atenção e memória. Há grande preocupação em relação a universitários que fazem uso de psicoestimulantes que necessitam de prescrição médica, como, Metilfenidato (17% n=34) e Lisdexanfetamina (10% n=20), pois, estima-se que muitos não possuem prescrição, utilizando tais drogas ilegalmente e embora as drogas tragam benefícios, não se preocupam com os malefícios que o medicamento pode ocasionar a curto e longo prazo (4).

**Tabela 3 – Psicoestimulantes utilizados**

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=200</b>	<b>%</b>
<b>Bebidas energéticas</b>	116	58%
<b>Cafeína</b>	116	58%
<b>Pó de guaraná</b>	76	38%
<b>Taurina</b>	36	18%
<b>Cloridrato de Metilfenidato</b>	34	17%
<b>Anfetaminas</b>	22	11%
<b>Dimesilato de Lisdexanfetamina</b>	20	10%
<b>Suplemento vitamínico e mineral</b>	5	2,5%
<b>Modafinil</b>	1	0,5%
<b>Não utiliza</b>	51	25,5%

Os medicamentos Dimesilato de Lisdexanfetamina e Cloridrato de Metilfenidato para serem utilizados, necessitam de prescrição médica. A Tabela 4 mostra que dos usuários que usam esses medicamentos, sendo, que 20 utilizam Dimesilato de Lisdexanfetamina e 34 utilizam Cloridrato de Metilfenidato, 59,26% (n=32) destes tomam sem prescrição e 40,74% (n=22) tomam com prescrição. Confirmando com Silveira et al. (6), em que 95,45% dos entrevistados utilizam sem prescrição médica e apenas 4,54% tem prescrição dos medicamentos.

**Tabela 4 – Uso de psicoestimulantes com ou sem prescrição médica**

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=54</b>	<b>%</b>
<b>Prescrição médica</b>		
<b>Sim</b>	22	40,74%
<b>Não</b>	32	59,26%

Há um aumento progressivo da utilização dos medicamentos Dimesilato de Lisdexanfetamina e Cloridrato de Metilfenidato, em virtude do diagnóstico da TDAH ter se tornando comum em crianças e adolescentes. Essas drogas também se tornaram alvo de procura de indivíduos saudáveis com objetivo de aprimoramento intelectual. Tais fatos se tornaram alvo de preocupação mundial, devido ao número de usuários existentes e seus impactos sobre esses indivíduos e a sociedade (10).

O período de maior utilização dos psicoestimulantes são em época de provas (47% n=94) e quando necessário (29% n=58) como evidenciado na Tabela 5, por ser um período de estresse e ansiedade de muitos alunos. Confirmado com Menezes et al. (4)

em sua pesquisa, sendo que 51% fazem uso quando necessário e 27% utilizam em períodos de provas. Em outro estudo semelhante feito por Silveira, Viviane (6), o período de maior utilização dos psicoestimulantes são em época de provas também (50%). O uso acentuado dos psicoestimulantes nesse período, tem extrema relação com o ambiente estressante da universidade, para garantir sucesso e manter alto desempenho acadêmico, tornando-se um facilitador para enfrentar os períodos de prova (9, 10).

**Tabela 5** – Período de utilização dos psicoestimulantes questionados e fatores que influenciaram a utilização

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=200</b>	<b>%</b>
<b>Período de utilização</b>		
<b>Período de prova</b>	94	47%
<b>Quando necessário</b>	58	29%
<b>Uso contínuo</b>	13	6,5%
<b>Não utiliza</b>	51	25,5%
<b>Fatores que influenciaram</b>		
<b>Faculdade</b>	96	48%
<b>Amigos</b>	57	28,5%
<b>Prescrição médica</b>	51	25,5%
<b>Conhecimento</b>	41	20,5%
<b>Internet</b>	23	11,5%
<b>Família</b>	18	9%
<b>Farmácia</b>	12	6%
<b>Televisão</b>	7	3,5%
<b>Não utiliza</b>	4	2%

Como também evidenciado na Tabela 5, vários fatores influenciam a utilização desses psicoestimulantes sendo que a faculdade é a que mais tem poder de influência (48% n=96), e os amigos vem em segundo lugar (28,5% n=57).

Essa droga se tornou alvo de grande procura entre indivíduos saudáveis por influência da faculdade, devido à alta carga horária do curso, o vasto conteúdo de matérias e a grande pressão por notas boas (6); e influenciada por amigos, visto que, muitos adquirem as drogas por meio destes (10).

Os entrevistados fazem uso dos psicoestimulantes com várias finalidades, como evidenciado na Tabela 6. Os principais são para o rendimento escolar (57,5% n=115), compensação do sono (33,5% n=67) e exaustão (30,5% n=61), confirmando com Menezes et al. (4) em sua pesquisa, em que 51% utilizavam para o rendimento escolar, 48% pela exaustão e 28% para a compensação do sono. A inserção de psicoestimulantes no meio acadêmico se mostra cada vez maior, uma vez que a vida acadêmica demanda concentração, disposição do indivíduo e bom rendimento escolar. A alta carga horária do curso, o vasto conteúdo de matérias e a grande pressão por notas boas, remete ao acúmulo de conteúdo e leva a maratonas de estudo em vésperas de prova, levando a utilização dessas drogas para compensar o sono e a aliviar a exaustão (6).

**Tabela 6** – Finalidade da utilização de psicoestimulantes.

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=200</b>	<b>%</b>
<b>Finalidade</b>		
<b>Rendimento escolar</b>	115	57,5%
<b>Exaustão</b>	61	30,5%
<b>Compensação do sono</b>	67	33,5%
<b>Diminuir o estresse</b>	37	18,5%
<b>Sentimento de incapacidade</b>	34	17%
<b>Não utiliza</b>	51	25,5%

Segundo a Tabela 7, dos entrevistados 60% (n=120) consideram que os psicoestimulantes melhoram o rendimento e 14,5% (n=29) consideram que não. Confirmando com Silveira et al. (6), em que 87,87% (n=58) dos entrevistados afirmam melhorar o rendimento e apenas 12,12% (n=8) não. Dessa forma, a inserção de psicoestimulantes no meio acadêmico se mostra cada vez maior, uma vez que a vida acadêmica exige bom rendimento escolar e essa classe de substâncias possibilita isso (6).

**Tabela 7** – Entrevistados que consideram que a utilização de psicoestimulantes melhora o rendimento escolar.

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=54</b>	<b>%</b>
<b>Melhora do rendimento</b>		
<b>Sim</b>	120	60%
<b>Não</b>	29	14,5%
<b>Não utiliza</b>	51	25,5%

De acordo com a Tabela 8, o uso desses psicoestimulantes gera diversos efeitos colaterais na população estudada. Prevalecem a insônia (35,5% n=71), dor de cabeça (29,5% n=59) e irritação (25% n=50), confirmando com Menezes et al. (4) em sua pesquisa, em que 38% dos usuários apresentaram insônia, seguido por dor de cabeça (25%) e visão turva (12%). Um fato importante observado nesse estudo, é que, mesmo apresentando efeitos colaterais, 74,5% (n=149) dos entrevistados mantiveram a utilização dessas substâncias psicoestimulantes, demonstrando que estão em busca de efeitos imediatos da medicação, descartando as consequências a curto e longo prazo.

**Tabela 8** – Efeitos colaterais da utilização de psicoestimulantes.

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>n=200</b>	<b>%</b>
<b>Efeitos colaterais</b>		
<b>Insônia</b>	71	35,5%
<b>Dor de cabeça</b>	59	29,5%
<b>Taquicardia</b>	50	25%
<b>Irritação</b>	50	25%
<b>Redução do apetite</b>	39	19,5%
<b>Boca seca</b>	35	17,5%
<b>Tremores</b>	25	12,5%
<b>Náuseas</b>	18	9%
<b>Tristeza</b>	18	9%
<b>Dependência</b>	15	7,5%
<b>Comportamento agressivo</b>	14	7%
<b>Tontura</b>	10	5%
<b>Dor abdominal</b>	9	4,5%
<b>Visão turva</b>	7	3,5%
<b>Tendência suicida</b>	1	0,5%
<b>Não utiliza</b>	51	25,5%

Os resultados permitiram evidenciar a existência de associação entre o conhecimento e o uso de substâncias psicoestimulantes, ( $p < 0,01$ ), conforme está apresentado na Tabela 9. Os testes estatísticos utilizados não tiveram poder para detectar a relação entre o gênero e o uso de substâncias psicoestimulantes, bem como a faixa etária, período, se reside com a família, a renda familiar e o trabalho remunerado, ( $p > 0,05$ ).

**Tabela 9** – Valores-p resultantes da associação entre as variáveis analisadas.

<b>VARIÁVEIS</b>	<b>Valor-p</b>
<b>Gênero vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	0,3417 ns
<b>Faixa etária vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	0,2076 ns
<b>Período vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	0,4317 ns
<b>Reside com a família vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	1,0000 ns
<b>Renda familiar vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	0,4191 ns
<b>Trabalho remunerado vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	0,3271 ns
<b>Tem conhecimento vs uso de substâncias psicoestimulantes</b>	<0,01**

<sup>ns</sup> Não significativo ao nível nominal de 5% de significância ( $p > 0,05$ ), teste exato de Fisher.

<sup>\*\*</sup> Significativo ao nível nominal de 1% de significância ( $p < 0,01$ ), teste exato de Fisher.

#### 4. Conclusão

Houve elevada frequência de uso de psicoestimulantes, o que preocupa, principalmente pelo fato de grande parte dos usuários não possuírem prescrição médica ou fazerem acompanhamento médico; que se faz necessário para tais medicamentos. Tal uso indiscriminado caracteriza-se em um grande problema de saúde pública.

Assim sendo, é preciso avaliar os impactos do uso de psicoestimulantes na prática, de modo que restrinja o uso de tais substâncias sem prescrição médica e o diagnóstico seja mais rigoroso, uma vez que a TDAH tenha se tornando cada vez mais comum em crianças e adolescentes. Outra preocupação em está relacionado ao sério risco da incorporação de drogas psicoestimulantes de forma indevida.

Ainda, o conhecimento do perfil dos usuários é de extrema importância na construção de políticas e estratégias focadas na prevenção do uso destas substâncias. O sistema público de saúde, assim como as universidades, tem a responsabilidade de conduzir pesquisas e intervir no consumo de psicoestimulantes entre acadêmicos. Dessa forma é importante também implementar medidas preventivas, pois, o uso indiscriminado causa grandes risco à saúde dos usuários, como refletido nos frequentes relatos de efeitos adversos e colaterais.

#### 5. Referências

1. Aguiar SM, Vieira APGF, Vieira KMF, Aguiar SM, Nóbrega JO. Prevalência de sintomas de estresse nos estudantes de medicina. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria* 2009; 58(1): 8-34.
2. Pires MS, Dias AP, Pinto DCL, Gonçalves PG, Segheto W. O Uso de Substâncias Psicoestimulantes Sem Prescrição Médica Por Estudantes Universitários. *Revista Científica Fagoc Saúde* 2018; 3: 22-29.

3. Rovida TAS, Sumida DH, Santos AS, Moimaz SAS, Garbin CAS. Estresse e o estilo de vida de acadêmicos ingressantes em um curso de graduação em Odontologia. *Revista da Abeno* 2015; 15(3): 26-34.
4. Menezes ASS, Nomerg KO, Lenz RV. O Uso de Psicoestimulantes Por Acadêmicos de Uma Instituição de Ensino Superior do Estado de Rondônia. 2017. 13 f. Monografia (Especialização) - Curso de Farmácia, Faculdade de Ciências Biomédicas de Cacol - Facimed, Rondônia, 2017.
5. Bussab WO, Morettin PA. Estatística Básica. 9. ed. Editora Saraiva, 2013.
6. Silveira VI, Oliveira RJF, Caixeta MR, de Padua BB, Costa RGL, Santos GB. Uso de Psicoestimulantes Por Acadêmicos de Medicina de Uma Universidade do Sul de Minas Gerais. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde* 2015; 13(2): 186-192.
7. Fernandes TF, Monteiro BMM, Silva JBM, Oliveira KMV, Viana NAO, Gama CAP, Guimarães DA. Uso de substâncias psicoativas entre universitários brasileiros: perfil epidemiológico, contextos de uso e limitações metodológicas dos estudos. *Cadernos Saúde Coletiva* 2017; 25(4): 498-507.
8. Affonso R, Lima K, Oyama Y, Deuner M, Garcia D, Barboza L, França T. O Uso Indiscriminado Do Cloridrato de Metilfenidato Como Estimulante Por Estudantes da Área da Saúde da Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB). *Infarma - Ciências Farmacêuticas* 2016; 28(3): 166-172.
9. Justo JM. O Consumo de Substâncias Psicoativas por Estudantes do Ensino Superior: Quais Fatores Estão Associados a Essa Prática? *Repositório UFES*. Espírito Santo, 312f. jun. 2018.
10. Silva Júnior, et al. Prevalência do Uso de Metilfenidato Entre Acadêmicos de Medicina do Centro Universitário UNIRG - Tocantins. *Revista Cereus*. 2016; 8(3): 172-188.